

Escola e Pomitafro: uma festa como uma identidade de uma cidade

Marcos Teixeira de Souza¹

RESUMO

A cidade de Vila Pavão, situada cerca de 276 km da capital Vitória, e localizada no noroeste espírito-santense, possui desde 1989 uma festa de cunho interétnico chamada Pomitafro. Inicialmente era a Pomitafro uma festa escolar, a partir de 1993 passa a ser uma festa municipal. Geralmente realizada no mês de Agosto de cada ano, tal festa tinha (ou tem) como propósito a integração das principais “etnias colonizadoras” do município: Pomeranos, Italianos e afrodescendentes (daí o termo Pomitafro). Este artigo pretende discutir a Festa Pomitafro, à luz de alguns dados secundários (obtidos no Questionário da Prova Brasil 2011), no que tange às perguntas 02, 26, 31 42 e 43, respondidas pelos alunos do nono ano de duas escolas públicas e importantes de Vila Pavão. Os resultados apontam que o município reúne condições socioculturais propícias para a realização e a manutenção da Pomitafro na localidade.

Palavras-chave: Vila Pavão. Pomitafro. Escola.

School and Pomitafro: a feast as an identity of a city

ABSTRACT

The city of Vila Pavão, located some 276 km from the capital Vitória, and located in the northwest of Espírito Santo, since a 1989, has inter-ethnic feast called Pomitafro. Initially it was the Pomitafro a school party, but since 1993 becomes a municipal feast. Usually held in August each year, this feast has (or had) as its purpose the integration of the main “colonizing ethnic groups” of the city: Pomeranians, Italian and African descent (the term Pomitafro). This paper discusses the Pomitafro Feast, concerning some data (obtained in the Questionnaire of Test Brazil 2011), with respect to questions 02, 26, 31 42 and 43, answered by ninth graders from two public schools and important of Vila Pavão. The

¹ Mestre em Letras e em Ciências Humanas – Unigranrio. Doutorando em Sociologia – IUPERJ. Membro pesquisador do Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA. E-mail: prof1marcos@hotmail.com

results show that the municipality meets sociocultural conditions to the achievement and maintenance of Pomitafro in the locality

Keywords: Vila Pavão. Pomitafro. School.

Escola y Pomitafro: una festividad como una identidad de una ciudad

RESUMEN

La ciudad de Vila Pavão, situada a unos 276 km de la capital Vitória, y situado en el noroeste del Espírito Santo, tiene desde 1989 una fiesta interétnica llamada Pomitafro. Inicialmente fue la Pomitafro una fiesta de la escuela, pero a partir de 1993 se convierte en una fiesta municipal. En general, celebrada en agosto de cada año, con el objetivo la integración de los principales colonizadores “grupos étnicos” de la ciudad: pomeranos, las personas de ascendencia italiana y africana (de ahí la palabra Pomitafro). Este artículo aborda el Partido Pomitafro, a la luz de algunos datos secundarios (obtenidos en el Cuestionario de Prueba Brasil 2011), con respecto a las preguntas 02, 26, 31 42 y 43, respondida por noveno grado de dos escuelas públicas e importantes aldea del pavo real. Los resultados muestran que el municipio cumple con las condiciones socioculturales que conduzcan al logro y el mantenimiento de Pomitafro en la localidad.

Palabras clave: Vila Pavão. Pomitafro. Escuela.

Introdução

A história do estado do Espírito Santo foi influenciada e construída, em grande parte, pela contribuição e trabalho de diversas etnias, muitas delas imigrantes, oriundos de um projeto do Imperador D. Pedro II, ao promover a imigração de europeus para a região até então pouco povoada. Italianos, pomeranos, holandeses, poloneses, entre outros grupos, estabeleceram-se em várias partes do estado, sobretudo na região serrana, no século XIX, e foram importantes para o desenvolvimento do estado capixaba. Muitos dos municípios capixabas carregam em sua cultura local e em seu cotidiano frutos das imigrações ocorridas na região. Municípios como Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Águia Branca, Venda Nova do Imigrante, Santa Teresa, Santa

Leopoldina, Castelo, entre outros, são exemplos desta história, cujos reflexos podem ser vistos até hoje.

Vila Pavão: uma história de conflitos entre ‘grupos étnicos’

Uma das páginas da história capixaba, praticamente sem muitas menções, encontra-se em Vila Pavão, emancipada de Nova Venécia em 1990, depois de um movimento popular chamado EmanciPavão, em 1987. Com aproximadamente nove mil habitantes, distante 276 km da capital Vitória, a cidade de Vila Pavão, situada no noroeste espírito-santense, singulariza-se, entre as demais, por engendrar e manter, desde 1989, a Pomitafro, perdurando em torno de três ou quatro dias geralmente em Agosto de cada ano, festividade esta que visa à integração das principais etnias colonizadoras do município, Pomeranos, Italianos e afrodescendentes (daí o neologismo Pomitafro), bem como objetivando combater o racismo e o etnocentrismo na localidade. O hino e a bandeira municipais referenciam explicitamente a Pomitafro, como ícone de uma cidade que se orgulha de sua diversidade étnica.

O documentário *Três etnias e um sonho*² (2010), de Jorge Kuster Jacob, espelha importantes questões no tocante à importância dos grupos folclóricos para o desenvolvimento do ideário da Pomitafro, bem como das questões étnicas que circundam Vila Pavão, sendo por esta condição uma das fontes elucidativas para este trabalho acadêmico. Elucidativa, não só pelo conteúdo, em si mesmo, em que temos diversas falas de moradores do município, mas também pelo fato do que se propôs a dizer: um sonho.

No documentário há muitas imagens de grupos folclóricos pomeranos, italianos e afros, o documentário, logo em sua introdução exibe a cultura material de Vila Pavão, seguida pela fala de um morador, o professor Claudiney Helmer.

A narrativa deste professor historiciza, em poucas palavras, Vila Pavão antes e depois do projeto Pomitafro, salientando este professor que a Pomitafro fora importante para unir as etnias. Após citar que Vila Pavão era um município rural e formado por três etnias, sem expressar quais seriam elas, diz ele no documentário: “elas não se conversavam,

2 CÔRREA, Felipe; CAVALCANTE, André. *Três Etnias, Um Sonho - Vila Pavão*. YouTube. 11 jan. 2011. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=W8_mAPvYh58 Acesso em: 17 fev. 2016.

não se uniam, né! Um tinha preconceito contra o outro. A partir da formulação de um projeto chamado Pomitafro, que uniu estas três raças, essas três etnias, é que começou então a se desenvolver de forma mais harmônica a união do povo de Vila Pavão.” (Informação verbal).

Esta fala que, inaugura a série de depoimentos ao longo do documentário, leva-nos a dialogar com a sociologia em vários momentos. Um deles é que, dentro da sociologia brasileira, a temática relações raciais e étnicas (ou interétnicas) os termos raça e etnia, ainda que devam ser conceituados separadamente, e não vistos como sinônimos, são termos que se encontram próximos, imbricados, praticamente como tal aparece na fala de Helmer. No entanto, no cotidiano, são tratados de forma próxima, às vezes, como uma sinonímia perfeita.

De acordo com a fala deste professor, o projeto Pomitafro - é assim que ele expressa, e não Pomitafro - engendra a mudança na questão interétnica no município. Esta fala nos instiga saber qual era o grau de conflito interétnico havia entre as três etnias, e como se processava no cotidiano esta desavença.

A primeira parte da fala “elas [etnias] não se conversavam, não se uniam, né!” sugere pensar em ausência de contatos afetivos e sociais mais próximos. Por outro lado, o prosseguimento da fala “Um tinha preconceito contra o outro.” levar a imaginar um panorama de etnocentrismo, de preconceito étnico. Em ambas as situações, o que se tem relatado é que Vila Pavão, com a Pomitafro, teria sido capital na cidade.

Tanto o etnocentrismo, quanto o preconceito racial não se assumem da mesma forma. Variáveis como gênero, idade, localidade, contexto histórico, escolaridade, devem ser levadas em conta nestes fenômenos sociais. Para Darcy Ribeiro (1995), no Brasil o racismo se caracteriza:

A característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquiização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre

eles e, afinal, a serem tidos como brancos. (RIBEIRO, 1995, p. 225)

A partir desta fala de Helmer, a Pomitafro se apresenta como um elemento reorganizador da sociedade pavoense. Na Pomitafro, muitos dos sinais diacríticos que opõem um grupo étnico do outro são justapostos na festa como elemento integrante da diversidade étnica local. No entanto, isto não significa dizer que inexista, às vezes, em alguns contextos, o embate entre as etnias. No documentário, uma fala propositiva para nossa discussão é a da jovem Amabyle: e chegou um senhor e apontou o dedo para mim e falou o seguinte: não aceitei preto usando roupa italiana. Tais situações, entre outras que se ouviu durante a pesquisa exploratória, salientam que o conflito interétnico é um dos pontos-chaves enfrentados ao longo da história de Vila Pavão, mostrando, por conseguinte, a Pomitafro como uma singular naquele município.

Outro ponto que deve ser considerado neste conflito interétnico é o espaço. DaMatta, na obra *Casa & a Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil* (1997) tece reflexões oportunas para compreender a dualidade casa / rua, como espaços que emergem nas relações sociais. A Rua se apresenta como um espaço de tensões entre os indivíduos, em oposição a Casa, espaço da harmonia, da cordialidade. Para DaMatta, nas relações sociais, pode haver medidas chamadas compensatórias e/ou complementares para promover igualdade entre as pessoas desiguais, e tal dinâmica não exclui a questão étnica. Explicita DaMatta (1997): No mundo social brasileiro, o que sempre se espera em qualquer situação de conflito ou disputa é o ritual do reconhecimento, que humaniza e personaliza as situações formais, ajudando todos a hierarquizar as pessoas implicadas na situação (DAMATTA, 1997, p. 80).

A Pomitafro criou um espaço intermediário entre a casa e a rua, o que possibilita contrapor estas duas categorias, ensejando um novo espaço, o da festa, dotado de harmonia. Neste espaço, o da Pomitafro, os 'grupos étnicos' formadores de Vila Pavão, pomeranos, italianos e africanos são reconhecidos em história, cultura e valores. Obviamente, este espaço se relaciona, em alguma medida, com a casa e a rua, e os indivíduos circulam nestes três espaços, sem deixar de carregar consigo suas crenças, opiniões, atitudes, como ocorreu no episódio narrado pela jovem Amabyle no documentário mencionado.

A fábula das “três” raças locais em Vila Pavão

Não sem razão, a suposta formação cultural e social do Brasil, oriunda da interação entre as matrizes africana, europeia e indígena, enraizara todo um *modus vivendu*, que perpassa memórias sociais e narrativas de estruturas do Brasil colônia. Os trabalhos de Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, entre outros, tentaram, cada um a seu modo, com enfoques diversos, enveredar por um Brasil, em que raça (ou *etnia*) figura como um critério relevante para entender as dinâmicas sociais, presentes em um país marcado pela desigualdade socioeconômica, sob um espectro racial. A despeito da existência de uma extensa bibliografia de trabalhos sobre a temática supracitada, todo campo em que há um elevado ou baixo quantitativo de casos de racismos ou conflitos interétnicos; ou ainda, uma aparente solução exitosa contra estas problemáticas, parece ser um campo, em potencial, para se engendrar uma pesquisa acadêmica profícua.

Raça, etnia e termos correlatos ou afins são categorias que geralmente causam polêmica na sociedade. Por tocar cicatrizes nas entranhas de um Brasil que não se livrou de heranças de estruturas de um Brasil colônia, e por desnudar a condição subalterna de expressiva parcela da população de pele negra ou mulata. Por exemplo, no Brasil, o debate em torno da implementação das chamadas ações afirmativas, que visam promover cotas em universidades e cargos públicos polemizou ainda mais o debate sobre estas categorias. A obra *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*, que reúne artigos escritos contra as políticas de cotas raciais nos principais jornais, por intelectuais e acadêmicos, ilustra bem o lado de um tom de uma conversa, que se acirra no confronto com defensores da política de cotas raciais.

No capítulo *Digressão: A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira*, da obra *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*, Roberto DaMatta (1987) descreve a natureza da formação identitária brasileira, fundada, entre outros problemas, na hierarquização racial, engendrando em nós uma ideologia complexa, que se espalha nas mais diversas relações sociais e âmbitos da sociedade brasileira. Segundo DaMatta (1987): Vale destacar o racismo contido na ‘fábula das três raças’ que, desde o final do século passado até hoje, floresceu, tanto no campo erudito (das chamadas teorias científicas), quanto no campo popular. (DAMATTA, 1987, p. 58)

Na visão damattiana, a fábula das três raças se originou, em grande medida, pelo determinismo biológico e teorias positivistas que chegaram ao Brasil no século XIX, sendo expoentes as teses de pensadores estrangeiros, que perpassam também o pensamento racial brasileiro.

A cultura e identidade nacional, nesta concepção, dão-se fundamentados nesta fábula, que se aprofundou na sociedade brasileira não só pela presença de intelectuais, mas também por meio de seu amparo por instituições, centros de pesquisas, ambientes acadêmicos e políticos, e pelo senso comum, sedimentando a hierarquização racial e fábula citada nesta presente. Entende DaMatta (1987):

Que os três elementos sociais - branco, negro e indígena - tenham sido importantes entre nós é obvio, constituindo-se sua afirmativa ou descoberta quase que numa banalidade empírica. É claro que foram! Mas há uma distância significativa entre a presença empírica dos elementos e seu uso como recursos ideológicos na construção da identidade social, como foi o caso brasileiro. (DAMATTA, 1987, p. 62).

Se esta fábula das três raças se arraigou com tamanha força ideológica, a ponto de penetrar em instituições e áreas distintas no plano nacional, não seria incoerente se se revelasse também em um nível micro como um pequeno município brasileiro. Com suas variantes peculiares, mas, em muitos aspectos se assemelhando à fábula a que alude DaMatta (1987), a “tríade étnica” de Vila Pavão se forma no seio social como uma cidade que se constrói, ao que parece, fortemente vinculada sob uma temática étnica. Cabe considerar o que diz DaMatta (1987) sobre a fábula das três raças:

[...] o mito das três raças [forneceu e ainda fornece] as bases de um projeto político e social para o brasileiro (através da tese do ‘branqueamento’ como alvo a ser buscado); permite ao homem comum, ao sábio e ao ideólogo conceber uma sociedade altamente dividida por hierarquizações como uma totalidade integrada por laços humanos dados com o sexo e os atributos ‘raciais’ complementares; e, finalmente, é essa fábula que possibilita visualizar nossa sociedade como algo singular - especificidade que nos é presenteada pelo encontro harmonioso das três ‘raças’. Se no plano social e político o Brasil é rasgado por hierarquizações

e motivações conflituosas, o mito das três 'raças' une a sociedade num plano 'biológico' e 'natural', domínio unitário, prolongado nos ritos de Umbanda, na cordialidade, no carnaval, na comida, na beleza da mulher (e da mulata) e na música [...]. (DAMATTA, 1987, p. 69).

Em Vila Pavão, a fábula brasileira tem suas características peculiares, mas que não se distancia, de certa forma, deste cenário apresentado por DaMatta (1987). Além disso, o título do documentário *Três etnias e um sonho* (2010), de Jorge Kuster, parece ser um ponto de partida da proposta, não só do documentário, mas também, e sobretudo, das falas locais: pontuar a Pomitafro como símbolo da suposta integração das 'três etnias', colocando-as num plano de harmonia e encontro.

Se, no Brasil, os estudos das ciências sociais e humanas sobre relações interétnicas, em geral, tratam do preconceito do branco contra o negro, em Vila Pavão, considerando, de certa forma, que os descendentes pomeranos "confessam" ter tido no passado preconceito contra os negros; por outro lado, não são raras as narrativas que colocam brancos (descendentes de pomeranos) e negros no mesmo lado: o de vítimas de discriminação.

Neste ponto, um capítulo à parte, é o preconceito contra os descendentes de pomeranos, nos anos fins dos anos 30 e durante os anos 40 e 50, em razão da Campanha de Nacionalização, sublinhando a atuação dos chamados grupos armados *bate-paus*, que durante o período da segunda guerra mundial, perseguiram /ou maltratavam os descendentes de pomeranos de Vila Pavão, pelo fato de confundirem os pomeranos como alemães.

Compreender como se deram e se dão estas interações sociais, referente ao preconceito racial em Vila Pavão, permite dialogar sobre a formação de uma comunidade imaginada em Vila Pavão, que vê no preconceito racial uma trajetória que, embora tenha feito parte da história local, foi um problema, segundo dizem, superado. As narrativas em torno desta superação ilustram que a participação popular, seja no EmanciPavão, seja na Pomitafro, emolduram um quadro que foi feito pela coletividade. A integração (ou um sinônimo para ela) é, então, uma palavra que muitas vezes se apresenta nas narrativas dos pavoenses, quando contam sobre o passado de Vila Pavão.

Logo, as narrativas em torno do preconceito são um conteúdo que, longe de ser esquecido, é recorrentemente trazido à tona. Por

exemplo, no caso dos descendentes de italianos, em blog³ de um jornalista de Vila Pavão, ao falar do Piccolo Pavone, o mais antigo e forte grupo folclórico italiano de Vila Pavão, há uma menção honrosa sobre os fundadores de grupos folclóricos em Vila Pavão: Para esses pioneiros, coube a primeira difícil tarefa: vencer o preconceito e abrir espaço para os mais de trezentos jovens que já passaram pelo grupo.

A Pomitafro se alimentaria assim de um discurso de união contra a discriminação. Para tal, os descendentes de pomeranos são postos no discurso, ora como vítimas, ora como algozes. Como vítimas dos bate-paus; e como preconceituosos em relação aos negros. Mas, em ambos os casos, o que entra em cena é que o preconceito racial é supostamente vencido pela união, pela transposição de barreiras, resultando na emancipação política e no fortalecimento do município, traduzidos pelos símbolos de unidade, como síntese desta vitória contra o preconceito racial.

No bojo do assunto identidade, dada a amplitude do tema, outros assuntos correlatos vêm à tona. Em seu artigo Fluxos, fronteiras híbridos: palavra-chave da Antropologia transnacional, Ulf Hannerz (1997) aponta para a problemática e a largueza destes termos “fluxos”, “fronteiras” e “híbridos” para a antropologia, como termos relevantes para se entender as interações sociais cada vez mais cotidianas, vividas pelos indivíduos. Ilustrando uma cena do romance Tenda dos Milagres, de Jorge Amado, onde se dá um encontro casual entre um etnógrafo brasileiro e uma viajante estrangeira, Hannerz (1997) nos chama a atenção para a fronteira como um lugar para se pensar a fluidez, a hibridez. Cabe lembrar que quando Hannerz (1997) se utiliza da expressão fronteira, não o faz pensando prioritariamente na noção de geografia política, em uma linha imaginária que separa países, mas, e sim, no intercâmbio de relacionamentos entre indivíduos, que portam culturas e línguas diversas e que, por esta razão, veem-se obrigados a lidar com esta diversidade cultural.

O passeio de Hannerz (1997) pela antropologia transnacional, objetivando mostrar como os termos fluxos, limites e híbridos foram tratados por esta área do conhecimento, não interessa, por certo, somente à antropologia transnacional. No âmbito da Sociologia,

3 MALTA, Carlos Alberto. Grupo de Tradições Folclóricas. Blog do Malta. Vila Pavão, jul. 2011. Disponível em: <http://www.blogdomalta.blogspot.com.br/2011/07/grupo-de-tradicoes-folcloricas.html> Acesso em 16 jan. 2016.

estes termos também se revestem de relevância ao considerar que a identidade é problematizada dentro de um leque de abordagens.

Os termos fluxos, limites e híbridos nos levam a pensar a fronteira - no sentido proposto por Barth (1998) como um lugar propício para se discutir como os atores sociais vão posicionar-se em meio a intercâmbios e confrontos culturais, linguísticos e/ou político-identitários.

O Brasil carregou consigo o discurso da miscigenação como qualidade intrínseca de uma identidade nacional. Um país que se fez sobre as contribuições majoritárias de indígenas, europeus e africanos, junto a contribuições de libaneses, japoneses, judeus, etc., mas que, por outro lado, vez ou outra, é um Brasil que parece não conseguir livrar-se de um estigma de preconceito "racial", de um passado que suscita hierarquizações étnicas, a despeito de uma Constituição Federal que preconize e que coíbe quaisquer discriminações em razão de cor, gênero, etc.

Compreender como se dão estas situações de interação entre ditas etnias nestes municípios pluriétnicos permite não só dialogar com esta realidade, que é, nacional, laureada na ideia de uma identidade nacional miscigenada, mas também com a literatura acadêmica já produzida sobre alguns conceitos caros às ciências sociais, como etnicidade, tradição, etnia, cultura, entre outros conceitos, propiciando, quiçá, com este estudo, contribuir com uma maior problematização em torno destes conceitos. Tais, além de caros às ciências sociais, são relevantes para se entender, mais a fundo, alguns fenômenos sociais ocorridos em alguns contextos, como o de Vila Pavão.

Ao lado de alguns poucos municípios brasileiros, como Camaquã (RS), Nova Venécia (ES), Itaguaçu (ES), Santa Leopoldina (ES), entre poucos outros, Vila Pavão ostenta dizer ser uma das cidades que abrigaria uma pluralidade étnica como formadora de si. Em comum, estes municípios partilham de história sobre conflitos, quanto também de cooperações no que tange ao cotidiano de seus moradores, os quais precisaram empreender modos de harmonizar eventuais conflitos de ordem étnico-cultural.

O processo de imigração no Espírito Santo dá-se praticamente na metade do século XIX, compondo a chegada de diversos grupos étnicos europeus, sobressaindo o italiano e o pomerano, de sorte que quando se fala sobre a História do Espírito Santo é incabível não citar o mosaico étnico e cultural formado pelas contribuições de diversas

“etnias” no Estado, sendo inclusive digno de observação que vários municípios capixabas nasceram ou se desenvolveram devido à presença destes imigrantes. Exemplos desta condição não faltam: Venda Nova do Imigrante (italiana); Santa Maria de Jetibá (pomerana), Domingos Martins (alemã), etc.

Nesse prisma, entender como estas comunidades se formaram, se e/ou tiveram que negociar suas respectivas culturas, línguas e crenças em detrimento do *outro* não deve ser negligenciado, antes, em se tratando de Vila Pavão, por exemplo, parece ser relevante dada a criação e a existência da Pomitafro por mais de vinte anos, aliado à formação identitária na cidade, onde os símbolos municipais perpassam uma tentativa de moldar uma identidade local calcada em aspectos étnicos ou inter-étnicos. Logo, “etnia” não se define como uma categoria isolada ou apolítica. Ao contrário, revela-se estratégica e necessária para as articulações e reivindicações dos grupos em meio a disputas sociais.

Pollak (1989) discute a memória social como alvo de disputas internas no seio de uma sociedade. Havendo diversos grupos sociais, com perspectivas e ambições diversas entre si, a memória social tende a ser um campo de querelas para o exercício de poder e controle sobre outros grupos. Ao trazer para o centro de sua discussão a memória social e aspectos a ela ligados, Pollak (1989) problematiza como tal não significa simplesmente o resgate de lembranças captadas e narradas uniformemente, pelos indivíduos, ante a um determinado fato histórico.

Neste aspecto, não se pode desconsiderar que a Pomitafro, dada sua importância no cenário local e alçada à condição de Festa da Cidade, precisou, por meio de alguns atores e instâncias locais, lidar com diversos posicionamentos políticos e/ou ideológicos, sendo um instrumento também alvo de disputas entre seus líderes, pessoas influentes, políticos, entre outros, no sentido de narrar o que seja e ou que não seja a memória social da localidade, sob seus respectivos prismas e posicionamentos que lhe são convenientes, gerando dissensões, por exemplo, entre os líderes dos grupos folclóricos e a Prefeitura, entre, no seu início, os organizadores e a igreja luterana local, etc.

No início desta pesquisa, visava-se discutir apenas a Pomitafro. Contudo, ao longo da pesquisa, notou-se que discutir tal festa seria um desafio, desde sua criação como uma festividade de uma escola até seu

crescimento e desenvolvimento a ponto de se tornar a principal festa da cidade.

No Projeto sobre a Pomitafro feito pela Secretaria Municipal de Cultura de Vila Pavão, com fins de submeter à iniciativa pública estadual e federal e à área privada, tal festa é contextualizada no item *Histórico* da seguinte forma:

A POMITAFRO é um evento cultural, Pomerano, Italiano e Africano, criado em 1989, pelos professores do Centro de Integração e Educação Rural – CIER, atual CEIER, com o objetivo de resgatar a história e as manifestações culturais de seus principais colonizadores e integrá-las a outros grupos do Estado. Hoje, mantém intercâmbio com grupos da região sudeste e parte da Bahia. A palavra POMITAFRO significa: POM Pomeranos, ITA Italiano e AFRO Africanos. Em 2002, A POMITAFRO foi indicada por entidade alemã para concorrer a prêmio na Europa (Suíça), por promover a integração étnica. Pois, enquanto acontecem tantos conflitos entre etnias, na Europa e no Oriente Médio, a população de um Município se junta para celebrar a união dos povos. Historicamente a POMITAFRO é realizada no mês de agosto com seu auge na semana cultural. (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE VILA PAVÃO, sem data, p. 04).

Principais preocupações – se não a principal – foi entender como a Pomitafro se constitui e se apresenta no imaginário dos pavoenses e daqueles que residem naquele pequeno e pacato município do norte capixaba, especialmente, entre os envolvidos diretamente na promoção e realização da festa e de outras manifestações culturais na localidade.

Durante a pesquisa, as falas sobre a Pomitafro direcionavam para conceber a Pomitafro como uma festa da cidade, e como uma festa que se organizou e se realizava anualmente para mostrar a importância da união das “etnias locais” de Vila Pavão, ressaltando a necessidade de respeitar o outro, ensejando ou endossando um discurso antirracista. A formação de uma militância que luta em defesa da história de sua etnia, de sua valorização na localidade como parte formadora do município, bem como a necessidade de guardar as tradições dos antepassados, parece ser uma das molas-propulsoras da Pomitafro, que tem na militância de algumas pessoas como o senhor Jorge Kuster, Libian Paganoto, Ingrid Wutke, Claudiney Hermer, Leandro de Oliveira, Cláudia

Henkert, Alerte Ramlow, entre alguns outros atuantes e coadjuvantes, a busca por reforçar a Pomitafro e outras manifestações culturais locais como uma defesa dos supostos “grupos étnicos” formadores de Vila Pavão.

Todos os anos, mostrando as danças dos grupos folclóricos, as atividades culturais e escolares, os pratos considerados típicos e representativos de cada grupo, as apresentações musicais, entre outras manifestações culturais, os pavoenses participantes, a Pomiafro era significada como cultura para os pavoenses, explicitando os valores da Pomitafro perante o outro. Haveria assim dois momentos, muitas vezes não separados entre si: o fazer cultura e o dizer sobre esta cultura. Em outras palavras, um momento para fazer a Pomitafro e outro para dizer sobre a Pomitafro. Obviamente isso se devia a cada contexto. No Projeto sobre a Pomitafro feito pela Secretaria Municipal de Cultura de Vila Pavão, no item Justificativa, exemplifica este cenário:

A POMITAFRO tem em sua programação atividades educativas durante o terceiro bimestre do ano letivo, denominado “Pomitafro na sala de aula” em todas as escolas do Município. Há exposições com objetos históricos e culturais das 3 etnias. Artistas da terra têm espaços para suas apresentações, são construídas 3 barracas típicas (uma Pomerana, uma Italiana, e uma Afro) com arquitetura, e culinária (comidas e bebidas) típicas das 3 etnias. Shows de conjuntos musicais que se identificam com a cultura étnica animam os bailes das noites em praça pública.

Em torno de 20 grupos folclóricos com aproximadamente 600 folcloristas de outros municípios e Estados são convidados para fazerem suas apresentações.

As principais ruas da cidade são ornamentadas, assim como o palco, que identifica as 3 etnias. Os moradores ornamentam suas casas conforme sua identidade étnica.

É um evento ímpar, cujos objetivos de integração étnica-cultural, no Espírito Santo, e até mesmo no Brasil vem quebrando gradativamente os resquícios de preconceitos existentes nas culturas desses grupos. No mais, o evento é um espaço para que os grupos folclóricos do nosso Estado perpetuem, além de proporcionar vendas de produtos típicos para a manutenção dos grupos culturais.

Muito importante destacar que o evento destina-se a valorizar e popularizar a cultura capixaba, bem como manter as tradições, os costumes, as danças, as comidas típicas, os trajes e...assim mantendo em atividade os grupos folclóricos e preservando a cultura popular do Espírito Santo e do País.

O município recebe aproximadamente 30 mil pessoas durante os dias do evento.

Como podemos ver, a Pomitafro é um evento que movimenta a cultura capixaba e brasileira. Dessa forma o projeto é apresentado a órgãos e empresas locais, estaduais e federais que acima de tudo acreditam na cultura deste país e que a mesma possa fazer parte do desenvolvimento sustentável local e do Brasil. (SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE VILA PAVÃO, sem data, p. 05)

Como se observa, a Pomitafro se perfila como uma festa mobilizadora na localidade ou, pelo menos, é assim apresentada geralmente nas publicações institucionais e nas falas locais. Antes mesmo da criação da Pomitafro, em 1988, para ser mais preciso no dia 15 de maio de 1988 nasce o primeiro grupo folclórico pomerano, o Grupo de Danças Pomeranas Fauhan, que é considerado um dos precursores desta festa.

Pomitafro e Escola: os dados do Questionário da Prova Brasil de duas escolas pavoenses

Ao falar sobre cultura em Vila Pavão, o site⁴ da Câmara Municipal de Vila Pavão apresenta a Pomitafro da seguinte forma:

Pomitafro

Pomeranos, italianos e africanos, a miscigenação de raças que gerou a cultura de Vila Pavão. A Pomitafro é o maior evento de integração étnico-cultural do Brasil. Considerada hoje também a "Festa da Cidade", a Pomitafro foi criada pelos professores do Centro de Integração de Educação Rural /CIER em 1989. A Pomitafro saiu das iniciais de POMeranos, ITALianos e aFROs, princi-

4 Disponível em: CÂMARA MUNICIPAL DE VILA PAVÃO. Relações Inter Municipais. Disponível em: <<http://www.camavilapavao.es.gov.br/exibir.aspx?pag=relacoes-intermunicipais>> Acesso em 26 jan. 2016

país colonizadores do município e que visa resgatar a identidade histórica e cultural do povo capixaba.

Todos os anos, durante a Pomitafro, as casas de Vila Pavão são enfeitadas para movimentar a cultura capixaba, onde participam dezenas de grupos étnicos vindos de diversas partes do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais. Grupos musicais, danças folclóricas, desfiles de rainhas (pomerana, italiana e afro) fazem parte do “caldeirão cultural”.

A “Pomitafro em Sala de Aula”, passeios de charrete, exposição de objetos antigos, trabalhos escolares, artesanatos e produtos da agricultura familiar são outras atrações do evento.

De acordo com esta visão descrita acima, a Pomitafro era um projeto que envolvia a participação e a mobilização de vários moradores da cidade e de outras localidades, sendo um evento que tinha um viés pedagógico e cultural, mas também social, à medida que pressupunha unir (ou manter unido) o povo pavoense. A Pomitafro era um evento de múltiplas faces e atores: era da escola, mas também dos moradores, da Prefeitura, dos grupos folclóricos, etc. A Pomitafro nasceu em uma escola pública de Vila Pavão, como um evento alternativo às festas comuns presentes no calendário escolar brasileiro e mais consoante com a história de Vila Pavão. De acordo com, Joêmio Camilo Filho, em sua monografia, sobre a criação da Pomitafro:

Posteriormente, mais precisamente em 1989, alguns professores e moradores se reuniram no Centro Estadual de Integração da Educação Rural (CEIER) e chegaram a um questionamento: será que Vila Pavão não tem algo de significativo a ser festejado, com relação a essa miscigenação de raças? Seguindo esta linha de pensamento, criaram um evento com essa finalidade: a Pomitafro. O nome se originou de pomeranos, italianos e afrodescendentes, que foram os principais colonizadores do município. (CAMILO FILHO, 2010, p. 10).

A Pomitafro singulariza o município de Vila Pavão perante muitos outros municípios brasileiros, ao trazer para si o quesito étnico como relevante para a construção da identidade municipal, fortalecendo a cultura local. Em relação à escola, a Pomitafro é tida como uma oportunidade de trabalhar a pluralidade cultural no currículo e nas práticas escolares.

Neste ponto, considerar alguns dados do INEP (Questionário da Prova Brasil 2011 – Censo Escolar), realizado em duas escolas públicas de Vila Pavão, o Centro Estadual Integrado de Educação Rural, antigo Centro Estadual de Integração da Educação Rural, hoje escola mais conhecida pela abreviatura CEIER, localizada na Zona Rural do município, e da Escola Municipal Esther da Costa Santos, localizada na área urbana, no bairro de Ondina; é possível visualizar a importância de contexto favorável para que a Pomitafro detenha uma continuidade na localidade.

Observando as respostas dadas pelos alunos do nono ano destas duas escolas supracitadas, no que concerne às perguntas 02, 26, 31 42 e 43 do Questionário da Prova Brasil 2011, verifica-se como a Pomitafro se vale de uma situação propícia para a realização da festa no município.

Quanto à pergunta 02, Como você se considera? Os alunos do nono ano do Centro Estadual Integrado Educação Rural responderam 57% (12 alunos) se consideram branco; 38% (08 alunos) se consideram pardo, e um aluno (05%) respondeu que se considera indígena. Na Escola Municipal Professora Esther da Costa Santos, 46% (42 alunos) se consideram branco; 41% (38 alunos) se consideram pardo, 04% (04 alunos) se consideram preto, 06% (05 alunos) se consideram amarelo; e 03% (03 alunos) se não souberam responder a pergunta.

Um pressuposto elementar da teoria da etnicidade de Barth é a fronteira étnica, sendo importante lembrar Barth pensa sua teoria da etnicidade sendo possível em um contexto de mais de uma etnia, em que cada grupo étnico, na construção de suas fronteiras étnicas, dirá ao outro o que é de si e o que é do outro. A fronteira étnica, neste pressuposto, é construída, e esta noção nos é importante quando se olha para Vila Pavão, sem, é claro, deixar de problematizar este conceito bathiano.

Concernente à pergunta 26, Com que frequência seus pais ou responsáveis vão à reunião de pais? 43% (09 alunos) do CEIER disseram sempre ou quase sempre; 48% (10 alunos) disseram que os pais ou responsáveis vão de vez em quando; e 09% (02 alunos) disseram que os pais nunca ou quase nunca vão à reunião de pais na escola. Na Escola Municipal Professora Esther da Costa Santos, 32% (29 alunos) disseram sempre ou quase sempre; 50% (46 alunos) disseram que os pais ou responsáveis vão de vez em quando; e 09% (16 alunos) disseram que os pais nunca ou quase nunca vão à reunião de pais na escola.

A pergunta 31: Seus pais ou responsáveis conversam com você sobre o que acontece na escola? 62% (13 alunos) do CEIER responderam que sim; por outro lado, 38% (08 alunos) disseram que não. Na Escola Municipal Professora Esther da Costa Santos, 72% (66 alunos) responderam que sim; por outro lado, 28% (26 alunos) disseram que não.

Para efeitos da Pomitafro, as perguntas 42 e 43 se constituem mais relevantes para averiguar a capilaridade da Pomitafro entre os alunos do nono ano. Na pergunta 42, Você costuma: ver apresentações musicais ou de dança; no CEIER, 14% (03 alunos) disseram que sempre ou quase sempre; 38% (08 alunos) disseram de vez em quando; e 48% (10 alunos) disseram nunca ou quase nunca. Na Escola Municipal Professora Esther da Costa Santos, 08% (07 alunos) disseram que sempre ou quase sempre; 51% (44 alunos) disseram de vez em quando; e 41% (35 alunos) disseram nunca ou quase nunca.

A pergunta 43, Você costuma: participar de festas abertas à comunidade. No CEIER, 52% (11 alunos) disseram que sempre ou quase sempre; 38% (08 alunos) disseram de vez em quando; e 10% (02 alunos) disseram nunca ou quase nunca. Na Escola Municipal Professora Esther da Costa Santos, 45% (38 alunos) disseram que sempre ou quase sempre; 39% (33 alunos) disseram de vez em quando; e 16% (14 alunos) disseram nunca ou quase nunca.

Considerações finais

A escola, dentro das políticas de Estado, é vista como uma instituição social estratégica na formação de um povo, de sociedade forte, razão pela qual, inclusive, a existência, por exemplo, de leis que destinam recursos financeiros para o desenvolvimento das escolas.

Neste sentido, o que é ensinado, ou seja, quais são os conteúdos escolares a serem transmitidos a esta geração nova da sociedade passou a ser objeto de disputas. Se talvez num primeiro momento, o currículo vinha do Estado para a sociedade, norteador o que deveria ser ensinado, e em qual período do desenvolvimento da criança, e como deveria ser ensinado, paulatinamente, setores da sociedade, foram se mobilizando para introdução de determinados conteúdos no currículo. Perceberam ou entenderam estes setores da sociedade que o currículo escolar omitiam, deturpavam ou negligenciavam a história e/ou as contruições destes setores. Os avanços de pesquisas na área do currículo escolar,

direta ou indiretamente denunciavam como o currículo escolar se entranhava em questões políticas, muitas vezes, utilizado por um grupo social dominante para impor determinada cultura, ideologia, modo de vida.

A Pomitafro possibilitou confrontar o currículo oficial, propondo ser uma festa com uma pedagogia envolta ao reconhecimento das dinâmicas sociais presentes em Vila Pavão, tais como o etnocentrismo e o preconceito. A Pomitafro nasceu em uma escola pavoense, o contexto escolar e social propiciaram condições desejáveis para que a festa se formasse e se ampliasse na municipalidade. Obviamente, a mudança de atores na realização da festa pode dar a ela uma nova mudança na estrutura da festa, mas sua gênese e sua continuidade se associam ao próprio neologismo, transmitindo a idéia de união de ‘etnias’. Pensando em Damatta (1997), na dualidade casa/rua, a escola é um espaço muito peculiar, pois permite transitar nestes dois mundos, o da casa e o da rua, e esta característica se insere dentro do ideário da Pomitafro, a de ser uma festa de integração, de lutar – quer no discurso, quer na práxis – contra preconceito, inerente, em potencial, a estar tanto na casa quanto na rua.

Referências

BARTH, Fredrik; POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: UNESP, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA PAVÃO. **Relações Inter Municipais**. Disponível em: <<http://www.camaravilapavao.es.gov.br/exibir.aspx?pag=relacoes-intermunicipais>> Acesso em 26 jan. 2016.

CAMILO FILHO, Joêmio. **Turismo, cultura e identidade: a Pomitafro e suas representações em Vila Pavão – ES**. Monografia (Graduação). Faculdade Estácio de Sá, Vitória, 2010.

CÔRREA, Felipe; CAVALCANTE, André. **Três Etnias, Um Sonho - Vila Pavão**. YouTube. 11 jan. 2011. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=W8_mAPvYh58 Acesso em: 17 fev. 2016.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp.7-39.

JACOB, Jorge Kuster. **Cidades irmãs pomeranas**: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO). Nova Venécia: Gráfica e Editora Cricaré, 2011.

MALTA, Carlos Alberto. Grupo de Tradições Folclóricas. **Blog do Malta**. Vila Pavão, jul. 2011. Disponível em: <http://www.blogdomalta.blogspot.com.br/2011/07/grupo-de-tradicoes-folcloricas.html> Acesso em 16 jan. 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE VILA PAVÃO. **Vila Pavão**. Nova Venécia: Gráfica Cricaré, [s.d.]

Recebido em: julho/2016

Aprovado em: novembro/2016